

Celso Furtado e a retomada do desenvolvimento

Theotonio dos Santos*

* Professor titular da Universidade Federal Fluminense e Diretor da Cátedra e Rede UNESCO – Universidade das Nações Unidas sobre Economia Global e Desenvolvimento Sustentável (www.reggen.org.br).

A morte de Celso Furtado abre um vazio na luta pela retomada do desenvolvimento na América Latina e nos países em desenvolvimento. Seu pensamento foi um guia poderoso para a ação de amplas forças sociais que empurram nesta direção e que tendem a reforçar-se neste momento histórico que se mostra particularmente favorável ao crescimento econômico em escala mundial.

Chamamos várias vezes a atenção para o papel reacionário que representa o pensamento neoliberal nas atuais condições históricas. Comparamo-lo ao papel da escolástica no final da Idade Média ao opor seus argumentos de lógica formal e de uso da “autoridade eclesiástica” à realidade empírica, modificada a cada dia pela experiência revolucionária da expansão marítima comandada pela burguesia européia.

No momento atual, a filosofia individualista do século XVIII foi retomada como fundamento de uma “ciência” econômica que se pretende ciência exata, apesar de sua visão estática, seu método de raciocínio formalista que valoriza a dedução a partir de categorias econômicas puras com o objetivo de aplicá-las de imediato à reali-

dade. Estas categorias estáticas entram em choque com a dinâmica colossal que a revolução científico-técnica está realizando em escala mundial.

Ninguém melhor do que Celso Furtado para fazer a crítica destas concepções arcaicas apresentadas como grandes conquistas pós-modernas pelo fato de manejar um instrumental matemático, por sinal bastante arcaico também. Celso Furtado foi um defensor erudito e profundo do método histórico estrutural nas Ciências Sociais. Mas, ao mesmo tempo, se caracterizou por um domínio muito sofisticado das categorias econômicas desenvolvidas no pós-guerra pelo pensamento neokeynesiano.

Ele pôde, assim, articular seu amplo conhecimento histórico e suas próprias pesquisas com a análise macroeconômica que se desenvolveu, exatamente no período de sua formação profissional. Sua contribuição não se limitou à realidade brasileira, genialmente revista em *Formação Histórica do Brasil*, livro cuja lucidez não foi superada até os nossos dias. Ela se ampliou ao processo latino-americano que estudara amplamente durante seu trabalho na CEPAL, na década de 50, e, posteriormente, durante seu exílio no seu trabalho nos EUA e na França e no curso que ofereceu no Chile no Instituto de Estudos Internacionais. Tudo isso resultou na publicação de seu livro sobre a *Formação Histórica da América Latina*.

Durante sua estada nos Estados Unidos, depois do golpe de Estado de 1964, Celso Furtado ampliou e aprofundou seu estudo da experiência norte-americana sobre a qual produziu excelentes análises históricas explicativas de sua formação como potência mundial hegemônica, ao diferenciar-se da experiência latino-americana. Seus estudos sobre as empresas multinacionais e sobre a dependência reforçaram sua contribuição à análise da economia mundial, cuja tendência à globalização ele antecipou já nessa época.

Todos esses estudos estavam voltados para a interpretação dos mecanismos básicos do desenvolvimento, entre os quais a inovação tecnológica ocupava um lugar muito especial. Mas não se tratava da inovação como uma força externa à acumulação capitalista como costuma ser apresentada no pensamento econômico neoclássico. Celso Furtado havia lido e assimilado suficientemente

o marxismo para integrar o fenômeno da mudança tecnológica na acumulação capitalista e na análise do desenvolvimento.

Suas análises permitiam entender como os compromissos da classe dominante na América Latina com as brechas do mercado mundial se uniam à concentração da propriedade (principalmente da terra) e à exploração da mão-de-obra escrava e servil, e posteriormente às formas semi-serviis e de mão-de-obra barata limitando, em conseqüência, a formação de um mercado interno dinamizador do crescimento.

Vemos, assim, como o atraso social da região se converte num importante fator de deformação da dinâmica econômica, produzindo um crescimento insatisfatório que somente a ação estatal republicana, nacional e democrática poderia superar. Sua atuação política esteve sempre inspirada nestas idéias-chave para um dos poucos brasileiros civis e intelectuais que se alistaram nas tropas nacionais que participaram da Segunda Guerra Mundial contra o nazi-fascismo. A experiência dos regimes de direita no Brasil e na América Latina só reforçou sua proposta analítica. Os anos de hegemonia militar se apoiaram em políticas monetaristas que detiveram o avanço econômico da região, embora tenham podido oferecer alguns momentos de expansão econômica localizada. Desde 1980, como resultado do endividamento irresponsável iniciado na década anterior, o Brasil, toda a região e todos os países endividados foram levados à queda do crescimento e a muitos anos de recessão, sob a implantação da ditadura dos credores representados pelo FMI e pelo Banco Mundial, solidamente respaldados pela Secretaria do Tesouro dos Estados Unidos e pelo sistema bancário mundial.

Celso Furtado denunciou sistematicamente a política econômica responsável pela subordinação da região a estas diretrizes. Denunciou com enérgica reprovação a conversão de vários de seus colegas e discípulos na aventura neoliberal e não deixou de propor caminhos alternativos. O povo brasileiro esteve de acordo com suas recomendações e suas denúncias ao derrotar maciçamente o candidato de Fernando Henrique Cardoso, com 77% de votos no primeiro turno das eleições presidenciais de 2002, que conduziram Lula ao governo do Brasil. Não hesitou também em criticar a con-

tinuação desta política econômica. Poucos dias antes de sua morte, respaldou de maneira vigorosa seu colega Carlos Lessa, que estava por cair da presidência do Banco de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), instituição da qual havia sido um dos inspiradores.

Celso Furtado acreditava firmemente na possibilidade de retomar o desenvolvimento econômico sem graves pressões inflacionárias nas circunstâncias atuais. Como ele, assim pensam, por exemplo, os dirigentes chineses que mantêm há 20 anos um crescimento perto de 10% ao ano sem grandes pressões inflacionárias.

Não é à toa que foi traduzido e publicado, em chinês, o livro de Celso Furtado sobre subdesenvolvimento e desenvolvimento. Quando lançamos sua candidatura ao prêmio Nobel de Economia no Seminário Internacional do REGGEN de 2003, os representantes da Academia de Ciências Sociais da China apoiaram com entusiasmo sua candidatura. Por sinal, esta foi a reação de todas as forças democráticas da América Latina e de grande parte do mundo. Os “donos” da ciência econômica oficial ficaram em dívida com a consciência avançada de todo o mundo ao negar-lhe este reconhecimento.

É um absurdo que se mantenha quase excluído do *mainstream* da Ciência Economia um vigoroso pensamento econômico que se desenvolveu na região latino-americana a partir sobretudo da liderança de Raúl Prebisch na Comissão Econômica das Nações Unidas para América Latina (CEPAL). Celso Furtado foi seu mais brilhante colega na dura tarefa de demonstrar o equívoco do pensamento ortodo-

Chamamos várias vezes a atenção para o papel reacionário que representa o pensamento neoliberal nas atuais condições históricas. Comparamo-lo ao papel da escolástica no final da Idade Média ao opor seus argumentos de lógica formal e de uso da “autoridade eclesiástica” à realidade empírica, modificada a cada dia pela experiência revolucionária da expansão marítima comandada pela burguesia européia.

envolveu na região latino-americana a partir sobretudo da liderança de Raúl Prebisch na Comissão Econômica das Nações Unidas para América Latina (CEPAL). Celso Furtado foi seu mais brilhante colega na dura tarefa de demonstrar o equívoco do pensamento ortodo-

xo ao consagrar uma divisão internacional do trabalho onde os países periféricos e subdesenvolvidos se restringiam a produzir os insumos para o consumo produtivo ou final nos países centrais. Tratava-se de demonstrar a perda dos termos de intercâmbio entre o centro e a periferia (conceitos que se desenvolveram a partir da CEPAL) e a distribuição desigual dos resultados da mudança tecnológica. Daí podia-se prever que com a falta de uma mudança política e econômica fundamental, as relações econômicas internacionais seriam conduzidas a uma desigualdade crescente e não a uma igualdade como o previa a lei das vantagens comparativas consagrada pela economia ortodoxa.

A industrialização dos países periféricos somente seria possível com o apoio de políticas de planejamento estatal que Celso Furtado sistematizou com grande competência. Ele demonstrou também que a situação de subdesenvolvimento não era simplesmente uma expressão de atraso econômico mas tinha leis de funcionamento que exigiam um esforço teórico próprio ao qual ele contribuiu com elementos decisivos.

Como vimos, além de suas contribuições para a teoria do desenvolvimento e da planificação, Celso Furtado revisou com profundidade a história econômica do Brasil e posteriormente de toda a América Latina do ponto de vista de um instrumental teórico e analítico moderno. Seus livros sobre a Formação Econômica do Brasil e da América Latina influenciaram profundamente a escola histórica dos Anais, como reconheceu Fernand Braudel.

No campo teórico, Celso Furtado contribuiu também significativamente para o estudo da economia mundial, do impacto das multinacionais na economia capitalista contemporânea e no processo de globalização, cujos elementos centrais antecipou em suas obras sobre o tema realizadas no final dos anos 60.

Ele antecipou também os efeitos negativos que o pensamento único provocaria na situação dos países de desenvolvimento intermediário como o Brasil. Sua obra tem sido, nos últimos anos, uma referência fundamental para a oposição brasileira que chegou finalmente ao governo com uma maioria esmagadora de votos na última eleição. Não se tratava somente de um debate político se-

não também de um debate teórico sobre a concepção da ciência econômica. Celso Furtado desenvolveu uma ampla meditação metodológica sobre o verdadeiro sentido de uma Ciência Econômica. Sua crítica se dirige ao caminho que tomou o ensino da economia que se aproximou mais do modelo da física do final do século XIX de que uma ciência social moderna.

Neste sentido o pensamento social latino-americano tem contribuído significativamente para a teoria social e para o método científico, ao desenvolver a concepção de um estruturalismo histórico que Celso trabalhou no plano teórico e na sua utilização no plano da análise empírica através de seus estudos sobre a história dos Estados Unidos, sobre a formação do capitalismo na Europa e sua projeção mundial e sobre a dinâmica econômica latino-americana em particular. Seus livros tornaram-se indispensáveis na formação dos economistas e cientistas sociais da região, na medida que seu enfoque demonstrou na prática a possibilidade de uma análise inter e intradisciplinar.

Mas a obra de Celso Furtado não se esgota no plano teórico. Sua atuação como homem público se inicia com a formação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) no final dos anos cinquenta no Brasil. Ele demonstrou a importância do planejamento regional para resgatar da miséria toda uma região. A partir da experiência do Tennessee Valley Authority nos Estados Unidos e do programa de planejamento para o sul da Itália, Celso Furtado abriu caminho para o resgate do Nordeste brasileiro, a região que serviu como referência fundamental para a *Geografia da Fome*, livro de grande impacto internacional escrito pelo médico, geógrafo e sociólogo pernambucano Josué de Castro, que inspirou em nossos dias o programa de Fome Zero do presidente Lula, infelizmente cada vez mais abandonado.

Seu êxito na SUDENE o conduziu ao Ministério do Planejamento do Presidente João Goulart, de onde pôde converter seus avanços teóricos em instrumentos de transformação prática, abortados pela vitória do golpe militar de 1964, que subsumiu o pensamento social brasileiro na submissão colonial do qual não se recuperou ainda totalmente. Depois de um longo exílio durante o qual desenvol-

veu sobretudo seus estudos teóricos e históricos, com a derrota da ditadura na sucessão presidencial de 1984, Celso Furtado foi chamado a cooperar com o governo como Ministro da Cultura e posteriormente como embaixador do Brasil junto à Comunidade Européia na Bélgica. Nestes anos exerceu uma influência fundamental, aproximação e cooperação argentino-brasileira que deu origem posteriormente ao MERCOSUL.

A marca de Celso Furtado no pensamento social contemporâneo é inestimável. Mas ela é mais importante neste dias quando o povo brasileiro e de vários países latino-americanos exigem uma política econômica alternativa para a região. E quando os responsáveis pelo desastre econômico e social em que nos encontramos pretendem manter na prática o que eles chamam de a “única” política econômica possível, a obra de Celso Furtado será sempre uma referência fundamental para romper estes mitos. E sua contribuição se agigantará ainda mais quando retomemos o caminho do crescimento econômico, da distribuição da renda e da igualdade social, pois seus estudos sobre o desenvolvimento, o planejamento e as políticas econômicas deverão ser um instrumento fundamental para orientar a formação de uma nova geração de economistas no Brasil, na América Latina e em todo o mundo. ■